

Seminário de Filosofia. Rio de Janeiro, 09 de agosto de 2001¹

Olavo de Carvalho

Quando começa a ciência política com Platão e Aristóteles, ela não começa do zero, não começa de um conteúdo não-verbal dado como as ciências naturais, que, quando começam, encontram uma natureza pronta há muito tempo e o objeto está oferecido a ela em estado puro. Ao contrário, o objeto da ciência política e da filosofia política terá que ser colhido dentro de um ambiente onde já circulam as auto-interpretações que a sociedade faz de si mesma. E são justamente essas interpretações que fazem com que as pessoas se sintam participantes de uma comunidade e, por isto mesmo, adquiram o seu estatuto humano. Quer dizer que aquele conjunto de idéias e de valores que circulam na sociedade, longe de poderem ser neutralizados e colocados de fora, eles são o próprio assunto. Não há outra maneira de você ter acesso a seu objeto senão partindo dessas mesmas idéias que estão em circulação, dessas crenças gerais, e começar a examiná-las criticamente uma por uma e desmontar o sistema de crenças da sociedade para montar aqueles mesmos elementos numa outra ordem que já não esteja condicionada pela estrutura daquela sociedade, mas segundo aquilo que você supõe ser a ordem real das causas. Então, nós pegamos um debate político qualquer, encontraremos algumas crenças em circulação que não podem ser separadas de seus respectivos objetos, não tem como você dizer que isto aqui é a situação real e aquilo lá é o que o sujeito pensa da situação real, porque a ação real daquele indivíduo é determinada exatamente por aquilo que ele pensa. Então você tem toda uma zona de nebulosidade onde você vai ter que introduzir cuidadosamente distinções entre o que é a estrutura real das ações empreendidas, o que é o elemento pretextual, e em que medida este elemento pretextual, na medida em que é ecoado pelos discursos públicos, ele não acaba se tornando real.

Todos nós entendemos que quando Hitler conclamava os arianos a se juntar contra os judeus ele não estava falando de realidades biológicas, mas estava falando de sentimentos – nem de crenças pré-existentes, mas de crenças que poderiam passar a existir a partir daquele momento. Não importa se o sujeito é realmente judeu ou ariano ou que raio de coisa ele é, importa é que ele se sente, e ele vai passar a se sentir justamente a partir da hora em que esse discurso for repetido. Se ele adere a esse negócio ele tem um sentimento de união que lhe dá a partir desse momento uma certa identidade. Ele pode não ser um ariano, mas a partir desse momento ele está oficializado como tal, e ele vai agir como os demais arianos do clube. Do mesmo modo o negócio do *proletários do mundo uni-vos* não quer dizer que o sujeito que vai ouvir esse apelo seja realmente um proletário, na verdade ao longo da História o proletariado dificilmente ouviu esse apelo. Ele foi antes ouvido por estudantes e intelectuais de classe média. O que interessa de fato nesses discursos não é a referência a uma realidade exterior mas a expressão de um sentimento e de uma vontade coletiva. Essa vontade coletiva porém passa a ser real a partir do momento em que essa união se traduz em ação. A descrição fictícia da realidade produzirá uma ação social real. E é justamente nessa passagem da ficção para a realidade que está o tecido inteiro da realidade política. O fato de que eventualmente o discurso, o apelo, coincida com a realidade no seu conteúdo é perfeitamente irrelevante para os fins disso aqui de que nós estamos falando. Pode acontecer de o apelo ao proletariado cair nos ouvidos de um proletário real, assim como o apelo da arianidade pode cair de fato nos ouvidos de um sujeito que seja autenticamente um ariano, ou o apelo da negritude pode cair de fato nos ouvidos de um cara que seja realmente negro. Não é por aí que a coisa funciona.

O processo de lidar com essa realidade mista é o seu problema. Você vai ter que pegar as afirmações formais por trás de todas as figuras de linguagem, metáforas, recursos retóricos, você

¹ Transcrição feita por Fernando Antonio de Araujo Carneiro - Sem revisão do professor

vai ter que puxar daí os juízos formais que estão sendo feitos, o que está sendo afirmado em última análise e depurar esses juízos até que eles cheguem no nível de princípios. Então você vai chegar nisso aí e não tem certeza se está lidando com a realidade ou a fantasia. Nós chamamos de princípio aquilo que não pode ser questionado de maneira alguma, não tem como você questionar porque o questionamento daquilo inviabilizaria o próprio estudo que você está fazendo. Por exemplo, nós vamos pegar um princípio qualquer, nós sabemos que o homem necessariamente vive em sociedade, ninguém vai questionar isso aí, está fora da jurisdição, mas você diz que tem a possibilidade de um sujeito totalmente sozinho sem nenhuma conexão, ele se criou sozinho desde pequeno, se isso acontecer isto estará evidentemente fora do interesse da ciência política, não tem como você estudar isso aí por este viés. O princípio é uma sentença formulada de tal modo que a sua supressão derrubaria todo o estudo que você está fazendo, derrubaria a própria possibilidade daquele estudo. Porém normalmente nas discussões e mesmo nas análises científicas dificilmente as pessoas descem ao nível dos princípios, geralmente o esforço de sociólogos, antropólogos, cientistas políticos, se limita ao nível de constatar regularidades empíricas, e essas regularidades empíricas acabam passando por princípios. Acontece que muitas dessas regularidades empíricas são criadas pelo próprio discurso ideológico, pelo próprio efeito do discurso ideológico. Você vai ver situações que se repetem mas se você não pode referi-las a um princípio que as explique você pode ser enganado por essas regularidades e essas constâncias. Por exemplo, no estudo das revoluções sociais você vai ver que inevitavelmente em toda revolução social existe uma gritaria geral contra a fome e contra a injustiça, isso sempre acontece. Então, quase que inevitavelmente o estudioso dessas coisas parte de que esse estado de coisas é real, que é nesse estado de coisas que ele vai ter que buscar a descrição causal do processo. Se você pegar 80% dos livros sobre a revolução francesa eles vão insistir muito neste ponto, a imagem que você tem de que a revolução é resultado de uma revolta contra a miséria e a injustiça, embora essa afirmação saia do próprio discurso ideológico revolucionário ela é aceita em seguida como se fosse a tradução de uma situação de fato. Porque de fato a revolução foi feita em nome disso. Mesmo que a situação descrita fosse inexistente ou não fosse exatamente assim, o fato é que se fez a revolução em nome disso, daí o governo já está derrubado, você já tem uma outra situação, um outro estado de coisas como fato consumado. Dificilmente as alegações feitas no curso da luta ou da transformação política serão avaliadas criticamente. Então blocos inteiros da realidade nos escapam e somos capazes de deixar passar o próprio processo causal que estamos querendo investigar. Você está querendo explicar porque aconteceu isto ou aquilo, mas na verdade a sua formulação inicial do problema, a sua própria definição de revolução já trouxe uma explicação embutida e você simplesmente a aceita e deixa de investigar aquilo que realmente se passou.

Por exemplo, hoje praticamente no mundo inteiro se acredita que o crescimento ou desenvolvimento econômico é uma garantia de paz e estabilidade social, no mundo inteiro se acredita nisso. Agora mesmo eu estava lendo aqui no livro do Dahrendorf, após 1989, “o presidente Mandela está convicto de que se e apenas se as promessas econômicas da nova África do Sul puderem ser cumpridas libertando a tantos da miséria a unidade nacional e a democracia política conseguirão se manter, a expectativa de Shimon Peres de que o crescimento econômico irá pôr fim ao terrorismo e ao fundamentalismo já foi expressa também em muitos países, a Irlanda do Norte, por exemplo, onde muitos chegam a afirmar *déem-lhes empregos e eles largarão seus rifles*, e opiniões dessa natureza não se restringem a situações dramáticas, o ministro das relações exteriores italiano Martino disse *o comércio une, a política divide*. Não há dúvida de que a década de oitenta nos países da Comunidade Econômica Européia foi uma época em que muitos acreditaram que os políticos só haviam conseguido criar uma grande confusão e que havia chegado a hora de dar vez aos homens de negócios, ou talvez a forças mais abstratas como os interesses econômicos e a economia. Um novo economicismo veio a dominar o discurso público fazendo-nos pensar que o marxismo, que parecia estar morto e enterrado, não estaria celebrando um inesperado renascimento desta vez nos círculos capitalistas, onde a crença que atualmente prevalece parece ser *confiem nas forças econômicas e a política concentrar-se-á por si mesma*”. Isto de fato

acontece. Pela amplitude do que ele está falando, da África do Sul até a Itália os caras repetem a mesma coisa.

Porém o fato é que se hoje em dia isso pode acontecer às vezes, cria situações onde o desenvolvimento econômico pode servir para isso, mas ao longo da História isso não funcionou. E se uma coisa acontece às vezes e outras vezes não acontece então você vai ter que encontrar o princípio comum que explica porque num lado se desenvolveu num sentido e no outro se desenvolveu num outro sentido. Onde a coisa pode tomar dois cursos diferentes então evidentemente nenhum deles tem força explicativa principal, você tem que procurar o terreno comum de onde aparecem os dois padrões.

Aluno: mas existe um exemplo de um país que estava bem economicamente mas entrou em guerra civil?

As grandes revoluções sociais só aconteceram em países que estavam em vertiginoso crescimento econômico, todas elas. Esse que é o problema. É evidente que a esfera de observação dessas pessoas parece ser muito centrada na atualidade. São estadistas, políticos, ideólogos, então eles pegam alguns exemplos recentes onde o desenvolvimento econômico criou uma paz e estabilidade social como o Japão e a Alemanha do pós-guerra e acreditam que podem generalizar isso aí. Mas se observar com uma escala histórica maior você vê que isso de maneira alguma é assim.

Aluno: o próprio Marx dizia que o desenvolvimento econômico é pré-condição para as revoluções.

Claro. Então, se o desenvolvimento econômico pôde ser usado para esses fins no século XX então é porque houve uma série de condições específicas que permitiram isso. E se de um outro lado o crescimento econômico não impediu de maneira alguma crises sociais e revoluções então é porque de fato nós não sabemos qual é a conexão entre o crescimento econômico e a estabilidade política e social. Ou seja, em vez de você ter uma solução na mão você tem um problema. E o maior erro que você pode ter em qualquer estudo dessa área é você justamente achar que resolveu a coisa quando você mal está formulando o começo do problema. O fato é que as relações entre crescimento econômico e estabilidade social são muito complexas, e nós ainda não temos a menor idéia de como isso funciona.

O próprio regime militar brasileiro quando acabou estava no auge do crescimento econômico, um período de enorme crescimento. Por que não pôde continuar assim? Se você diz que é porque era uma regime totalitário, bom, a quase totalidade da população era totalmente indiferente ao autoritarismo. Havia uma situação mais ou menos como em Cingapura, você não tem direitos políticos, não tem eleição, mas o povo está ganhando bem, progredindo, e ninguém está reclamando de nada. A instabilidade ali foi criada exclusivamente por um fator político e não econômico. Isso quer dizer que pode haver uma ação política que produza um desequilíbrio independentemente da prosperidade econômica. Também, no caso brasileiro, o número de pessoas envolvidas nessa ação política no fim da ditadura era relativamente pequeno. Quando você fala na passeata dos cem mil, mas o que são cem mil para derrubar um movimento que começou botando dois milhões de pessoas na rua? A famosa marcha da família com Deus botou quase dois milhões de pessoas na rua em São Paulo. Como é então que com uma passeatinha de cem mil você consegue criar um rolo? Isso significa que havia condições específicas locais muito peculiares. Isso quer dizer que o governo militar, se fosse em outro lugar, em outras condições, uma ditadura poderia sobreviver àquilo quase que indefinidamente. O governo chinês não sobreviveu ao negócio da Paz Celestial, crises muito maiores que uma porcaria de uma passeata de cem mil, diretas já? É que houve outras condições que rigorosamente não têm nada a ver com a relação de crescimento econômico com estabilidade política.

Aluno: mas no caso brasileiro por que essa minoria é tão atuante, tão poderosa?

Essa seria uma das perguntas: por que a ação de uma minoria tão aparentemente insignificante teve tamanha repercussão e impressionou tanto o governo? Segunda: por que o governo se deixou impressionar?

Aluno: porque ela detinha o domínio sobre os meios de comunicação.

Pode ser. Tem milhares de explicações possíveis. Eu estou falando isso só para mostrar que o negócio é muito mais complicado do que parece, e que no estudo dessas coisas a crença que a gente atribui a chavões do senso comum é um negócio nefasto. Esses malditos ditados, *casa em que falta pão todo mundo grita e ninguém tem razão*. Você se deixa levar por essas coisas e acaba não entendendo o que aconteceu. Vamos supor que o sujeito está casado e arruma uma amante. Daí a mulher pergunta: o que ela tem que eu não tenho? Não é assim o raciocínio? Dá a impressão que o sujeito está transando com uma só para suprir o negócio da outra. Pode ser mas pode não ser. Às vezes, assim, *não, mas você é tão incrível, tão maravilhosa, que dá vontade de transar com as outras, sobrou*. Não pode acontecer? É, aquilo está tão bom que ele quer algo a mais.

Aluno: é a tímeze parabólica.

É, exatamente, ele chegou no auge da satisfação. O dr. Muller dizia que o casamento é um contrato secreto, cada um faz um contrato que o outro não está sabendo qual é; se o outro atende os requisitos do contrato você está satisfeito e vai embora, acaba o casamento; e se não atende, você fica putado da vida e também vai embora porque o casamento não atendeu a expectativa. Também quando nós analisamos, partindo de um modelo mais simples, o do casamento, uma vez o dr. Eustassa me falou uma coisa fantástica, foi assim uma revelação, ele disse: *o problema é que as pessoas esperam que o casamento dê certo, mas ele não foi feito para dar certo*. Olha que coisa fantástica! Ele é uma outra coisa, ele não é feito para dar certo, ele simplesmente tem que existir, não é nem para dar certo nem para dar errado, isso é uma mera coincidência. Isso inaugura um enfoque totalmente diferente.

Então, também essa relação que nós estamos estudando entre desenvolvimento econômico e estabilidade política, também todas elas partem de que deveria haver um Estado ideal, onde uma coisa colabora com a outra e a outra colabora com a uma. Nós não temos essa expectativa? E tudo que estamos discutindo é: *por que não deu certo?* Mas quem falou que era para dar certo? É exatamente a mesma coisa. Por exemplo, onde você viu o equilíbrio de desenvolvimento econômico e estabilidade social direitinho? Isso é uma raridade. E se a coisa é tão rara você tem que explicar por que ela aconteceu e não por que não aconteceu nos outros lugares. O sucesso é que é um fenômeno esquisito e não o fracasso. Também as pessoas falam na causa da pobreza. Mas o ser humano é pobre desde que ele existe na face da Terra, é a riqueza que é uma exceção, ela que teria que ser explicada e não a pobreza.

Aluno: o Chile é uma exceção a tudo o que se passou nos últimos trinta anos no mundo.

Claro, quando dá certo, aí alguma coisa aconteceu de muito esquisita, e este é o verdadeiro fenômeno. Então muitas vezes estamos estudando o fenômeno ao contrário devido a nossas expectativas ideológicas. Agora como é que nós tomar consciência disso? Não tem outro jeito senão você partir dessas mesmas expectativas que você já tem, nas quais você está assentado, como que boiando em cima delas. Mas toda hora você perceber que está boiando no ar, perceber que aquela expectativa que você tinha nada a justificava, ela é simplesmente uma expectativa entre outras possíveis. Então esse estudo é uma perpétua descoberta dos pressupostos nos quais você mesmo embarcou sem perceber. Mas esses pressupostos nos quais você embarcou e dos quais você como cientista ou como filósofo desembarca num certo

momento para examiná-los criticamente, é nesses mesmos pressupostos que todas as outras pessoas estão embarcadas e agindo em função deles. Então, de certo modo, você tem em você mesmo, nas suas próprias crenças mais conscientes ou menos conscientes, um material precioso para você entender a dialética social. Todas as crenças que estão circulando por aí, você participa de todas, positivamente ou negativamente, consciente ou inconscientemente, um pouquinho delas você tem e elas são um material precioso porque é justamente a conjunção de todas elas que vai dar a trama das ações sociais atualmente existentes.

A falta de compreensão do que seja um princípio em ciência é que bloqueia tudo. Raríssimas vezes você vê qualquer discussão que consiga se elevar ao nível dos princípios em qualquer setor do conhecimento. Geralmente você se detém num nível meramente empírico. Mais ainda, a discussão dos princípios é frequentemente evitada porque ela parece demasiado teórica. Mas o problema aqui é um problema teórico. Se você se recusa a aprofundar o problema até onde você vai achar a resistência de um princípio inabalável, um princípio que simplesmente não pode ceder...

Aluno: o princípio é um axioma?

É um axioma, é uma afirmação que é considerada válida em todos os planos de um determinado domínio. Se você está estudando física você tem uma definição de massa, outra de matéria, outra de movimento, que devem continuar as mesmas, ou seja, nenhuma afirmação que você faça será incompatível com isso aí. Se for incompatível então deu uma crise de princípio, então o princípio não era esse, eu tomei como princípio algo que não era princípio. Agora, no estudo das ciências humanas em geral toda hora as pessoas apelam a pseudo-princípios, a realidade desmente esses princípios, e o sujeito simplesmente para não ficar no vazio continua apegado àquilo lá. Na verdade se você ler livros e livros de sociologia, antropologia, direito, ou economia, frequentemente você não encontra um único princípio, só encontra empirismo. Mas se é empírico como é que o sujeito sintetiza? Sintetiza através de metáforas e figuras de linguagem ou definições nominais.

Nós estávamos vendo agora mesmo aquele negócio da raça: você é capaz de fixar um percentual para determinada raça sem você ter o mínimo de instrumento capaz de dizer quem pertence àquela raça e quem não. Isso é o quê? É uma figura de linguagem, é um preto metafórico. E note bem, não é uma questão de você fixar o sentido das palavras. Isto aqui no Brasil, quando a gente fala de rigor científico as pessoas pensam apenas em rigor terminológico, você dar significados fixos às palavras, e não é isso. Às vezes é até o contrário. Se você estuda a obra de Aristóteles ele dificilmente dá significado fixo, ele usa a mesma palavra em quinze, vinte sentidos, às vezes contraditórios, e não obstante está tudo organizadinho, e tem outros caras que não, está aqui termo por termo, e, quando você vai ver, logicamente a coisa é uma mixórdia, só tem ordem gramatical naquilo. Hoje em dia é um osso você fazer as pessoas verem que o rigor de análise não é fixação de sentido de termos, mas é você conseguir se referir a blocos de realidade que são reconhecíveis intuitivamente quando você fala deles. Você pode fixar o sentido de um termo de maneira totalmente convencional e aquilo não significar porra nenhuma na esfera da experiência. O problema é você ter um corpo de fatos ao qual a linguagem tem uma referência suficiente para você trazer à baila esse conjunto de fatos e reexaminá-los quantas vezes for necessário. Então não é um problema interno de lógica científica, não, é um problema externo, de lógica material. Aqui no Brasil você fala em lógica e as pessoas só pensam em silogística. Elas acreditam que o encadeamento de um raciocínio é tudo. Mas às vezes isso nem interessa, às vezes é melhor um raciocínio falho mas que esteja ancorado na famosa repetibilidade do ato intuitivo. Se não tem a repetibilidade cada vez que você vai falando do mesmo fenômeno você vai perdendo conexão com o objeto do qual você está falando, e daqui a pouco você está raciocinando em torno da mera palavra e não sabe mais. Quando você está no campo das ciências naturais, isso não é problema, porque se você está falando de elefantes o sujeito pode mandar buscar um elefante para você ver de novo. Mas em História, Ciências Políticas,

Sociologia, não tem isso, a coisa só está presente imaginariamente. Então, o constante retorno à amostragem que você tem é coisa indispensável. Porque as definições e o pensamento lógico, eles têm uma maldita autonomia, um maldito automatismo, que a coisa vai funcionando e você não percebe que você acabou de se desligar do fato.

Ontem, nós estávamos falando o negócio do Fedelli que acabou de definir o gnosticismo como irracionalismo e depois cita como exemplo dois racionalistas. O raciocínio está certo, a dedução está certa, só que o fato do qual você estava falando sumiu do seu horizonte de consciência há muito tempo, você está falando de outra coisa e não sabe. A própria ordem lógica que você consegue manter na demonstração é um negócio terrivelmente enganador. O problema maior não é de lógica, é de memória. É o problema de você sempre ter à mão a amostragem de que você está falando.

Dentro da própria lógica, quando Aristóteles fez as Analíticas, primeira e segunda, ele já tinha feito um livro sobre a interpretação, Perieménias, que é um livro sobre o sentido das palavras, e o livro das categorias. Sem isso a silogística não vale nada, não precisa nem ser estudada. Hoje você põe no computador que ele resolve sozinho. Pode ter um defeitinho aqui ou ali que você corrige. Você pode saber todas as figuras de silogismo, todas as montagens e estar completamente fora da realidade.

Um ponto importante da lógica de Aristóteles que as pessoas nunca percebem é que se você pensar que o raciocínio silogístico é apenas uma combinatória formal onde você só vai concluir aquilo que já estava dado nas premissas e que portanto não houve acréscimo no conhecimento – o Kant, por exemplo, acredita piamente nisso aí – você esquece que a conclusão de um silogismo afirma algo que estava não na primeira premissa e nem na segunda, afirma uma terceira coisa que só surge da junção delas e que portanto não está dado nem na primeira e nem na segunda. Isto quer dizer que há quase que uma mudança de assunto na passagem das premissas para a conclusão e isto implica um ato intuitivo. Na verdade não implica um ato intuitivo, implica dois ao mesmo tempo porque por um lado você tem que ter a percepção da forma lógica – quando o sujeito fala: premissa maior, premissa menor, consequência, ele falou três proposições, quando chega na última você pode ter esquecido a primeira – o enlace entre as três não está dado em nenhuma delas. Você pega uma afirmativa A, uma alternativa B e uma C, e o elo lógico entre as três não está dado em nenhuma delas. É a percepção de uma forma lógica e essa percepção é intuitiva. Ela não poderia por si ser discursiva. Quando eu digo que não existe conhecimento racional, que só existe conhecimento intuitivo, é disso que eu estou falando. Que o conhecimento racional, lógico, não é nada mais do que a apreensão intuitiva da unidade de uma forma lógica. Porém, basta isso para você entender? Não, não basta. Você precisa entender ao mesmo tempo que aquela mesma relação se verifica de algum modo no próprio objeto do qual essas proposições estão falando. Então na verdade você tem três atos intuitivos aí: a percepção da forma lógica, a percepção do enlace no objeto, e a percepção da relação de uma com a outra. Tudo isso você tem em comum e não um depois do outro. Um depois do outro você nunca chegaria a realizar, tem que perceber tudo isso no mesmo instante. Qualquer raciocínio que você faça, por mais bobo que seja, supõe tudo isto. Se isto não se realiza então o raciocínio não foi compreendido e não houve conhecimento algum, então é como se fosse um raciocínio que está escrito num papel ou está na tela de um computador e que está potencialmente certo mas que só vai se efetivar na hora em que alguém entender aquilo. É claro que existe o raciocínio lógico considerado em si mesmo, como pura estrutura. Mas isso não é o conhecimento lógico, que precisa dessa apreensão dessa forma lógica, e essa apreensão tem que ser intuitiva e instantânea. Não tem jeito, se são três proposições como é que você vai perceber o enlace delas? Uma depois da outra? Não pode, tem que ser tudo junto. Mais, como essa percepção desse enlace depende também da percepção do enlace equivalente no próprio objeto do qual você está falando, então é por isso que são três. Isso com frequência extraordinária não se cumpre porque na hora em que o sujeito pegou o enlace lógico o objeto do qual a proposição está falando foi esquecido. A percepção do enlace lógico é por si mesma independente da percepção do enlace real, tanto que você pode fazer o enlace lógico entre objetos que não existem. Se x é y e y é b , então x é b . O que

é x, o que é y e o que é b? Você não sabe, não tem conteúdo, é uma bobajada formal, no entanto você pega o enlace lógico.

Aluno: quanto mais queijo mais buraco, quanto mais buraco menos queijo, então quanto mais queijo menos queijo.

Sim, toda possibilidade de erro lógico vem disso aí. Mas mesmo que a apreensão esteja correta, a apreensão do enlace lógico esteja correta, ela é evidentemente um nada. É preciso que você reconheça este mesmo elo lógico na própria constituição do objeto. Mas para que você vai fazer isto se você está arrebatado na sua mecânica silogística e tirando conclusão uma atrás da outra e achando que está agradando? Agora, na hora em que você puxar da memória toda aquela parafernália de informações dá uma preguiça, não é? Então o raciocínio lógico por si mesmo estava parecendo que estava indo tão bem, tão leve, tão elegante, tudo sobre trilhos, para que você vai parar? Já estava quase tendo um orgasmo, vai parar, voltar atrás, começar tudo de novo? Mas é nesse começar tudo de novo que está o próprio conhecimento, senão não tem conhecimento nenhum. E em se tratando de objetos que só podem ser presentificados pela memória e imaginação humanas, o supremo esforço é manter tudo aquilo na tela da consciência. Portanto não é um problema de pensar, é um problema de lembrar. Pensar é fácil, um computador pensa. Mas ele não tem suas recordações pessoais, ele só tem aquilo que botaram nele. Então ele pensa, mas com a memória de um outro, que é a memória de quem programa. E aí que está o problema.

Por exemplo, você pode raciocinar sobre crenças sociais a partir de uma analogia com as suas próprias, você também participa delas de algum modo, positiva ou negativamente, de maneira mais direta ou menos direta, mas se você é contrário a uma crença você não vai deixar ela se presentificar na sua mente, você não vai contemplá-la suficientemente para que ela esteja presente. Se eu não gosto de uma idéia eu não quero pensá-la. Mas eu tenho que fazer isto para poder compreendê-la. O processo cognitivo real, cognitivo científico, é buscar precisamente os obstáculos. Não artificialmente é claro, mas deixando que a realidade diga a que ela veio. E sobretudo valorizando os fracassos. Na hora em que você tentou um enalce e não funcionou então você tem uma dica preciosa porque se não funcionou, como no caso do desenvolvimento econômico e da estabilidade política, eu quis criar um elo e não funcionou, será que é o elo contrário? Não, porque também não funciona em todos os casos. Então é porque não é nem uma coisa nem outra, é uma terceira que deve ser procurada. E é assim que você vai aprofundando.

Ainda no caso do Voegelin, ele chega na idéia da continuidade dos movimentos gnósticos nas ideologias modernas através da exclusão da hipótese religiosa que ele mesmo tinha lançado em primeiro lugar. Porque ele verifica que existe uma característica comum entre as religiões que é a que a história da sua origem é ela própria o mito que ela mesma desenvolve a seguir. Isto sempre acontece. A história da origem é a origem da história. O que é o cristianismo? É a vida, paixão, morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo. O que é o Corão? É a epopéia da revelação sucessiva do Corão. E assim por diante. O que é o judaísmo? É a história do povo eleito. O que é o budismo? É a vida do Buda, que é a vida exemplar que se repetirá depois para cada budista. Quando o Buda faz a descoberta da dor e do sofrimento, e descobre que a dor e o sofrimento não têm solução, essa é a vida dele. E o que é essa vida? É o budismo. Então é lógico que você não pode aplicar esse modelo religioso diretamente aos movimentos ideológicos de massa porque eles não têm isso aí. Não tem como você dizer que a vida de Comte é o conteúdo do positivismo, que a vida de Marx é o conteúdo do marxismo, que a vida de Hitler é o conteúdo do nazismo. Não tem jeito. Isso quer dizer que a vida dos fundadores desses movimentos não faz parte do conteúdo, ao passo que nas religiões ela é o próprio conteúdo. Então esse é o primeiro critério distintivo. Ontem eu mencionei outro que é o fato de que esta mitologia primordial de cada revelação contém uma ontologia geral, e que essa ontologia geral deve mais ou menos conferir com as outras. Agora, se você não tem nem o mito inicial como é que você vai ter a

ontologia geral dentro de um mito inexistente? Então a presença do mito é a coisa básica das religiões. Como isso não existe nos movimentos ideológicos de massa então certamente eles não são fenômenos religiosos, eles são outra coisa.

Aluno: essa é a conclusão do Voegelin?

Isso é como eu estou interpretando o Voegelin. Ele não diz isso em parte alguma, mas eu estou dizendo. Estou fazendo com ele o que eu fiz com Aristóteles, para ele dizer o que está dizendo deve ter pensado uma outra coisa. Só que o sujeito não pode dizer tudo o que pensa, não é possível isso aí. Há uma série de enlaces que é o leitor, o intérprete que tem que pegar lá dentro, de acordo com o ângulo desde o qual você entrou lá. Não se trata de uma exposição da filosofia do Voegelin tal como ela está nos textos, não é isso. Eu peguei aquilo lá, montei de um outro jeito, tal como me pareceu, e estou explicando, eu estou fundamentando o Voegelin, tentando fundamentá-lo além do que ele mesmo se fundamentou. Estou argumentando em favor do que ele disse. Tanto é assim como ele disse que tem mais isso, mais aquilo, e mais aquilo outro. Pode ser até que em alguns de seus livros que não li ele diga exatamente isso, eu não sei, me faltam quinze livros, dos trinta e três eu li dezoito. É possível, às vezes até em um texto inédito, aparece uma carta, mas é coisa que você pode pressupor que o sujeito percebeu. Mesmo que ele não tenha formulado em palavras ele deve ter percebido. O estudo de uma filosofia não é estudo de textos, de uma obra verbal que interesse por si mesmo em sua estrutura verbal como um soneto. É uma estrutura intelectual, ou seja, uma sucessão de atos de inteligência que eu vou ter que fazer por minha própria conta. Não ter compreendido isto foi o que desgraçou o ensino de filosofia na USP. Eles ficaram nos textos, mas filosofia não é texto, assim como uma música não é uma partitura. Um soneto é o texto do soneto, fora do texto do soneto o soneto não existe, claro. Mas a música existe perfeitamente fora da partitura. A partitura é uma indicação de uma série de atos a serem cumpridos e que podem ser cumpridos de muitas maneiras diferentes. Se você for ver várias execuções da mesma música, tem muitos jeitos de executá-la e todos eles têm algo em comum.

Aluno: a leitura também tem várias interpretações mas o que você está falando é mais do que isso.

A leitura também pode ter várias interpretações mas o texto em si mesmo é uma estrutura e você não pode alterar aquilo. Aqui no caso não, o texto é apenas uma série de registros parciais que foram feitos de uma sucessão de atos cognitivos que, para você compreender aquela filosofia você mesmo tem que realizar, mas você não pode realizar nas circunstâncias em que o filósofo realizou, porque ele realizou a partir de um material que foi colhido por ele durante a vida dele, e você é outra pessoa com outra vida, em outro lugar. Então você vai ter que fazer atos intelectivos análogos, para a tua situação, captando naturalmente as mesmas essências, mas a partir de outro material. E é exatamente isso que se tem que fazer. Portanto nunca ficar muito fiel ao texto. Você sempre tem que partir da possibilidade de que o sujeito não tenha se explicado muito bem. A possibilidade de ele se explicar mal é muito maior do que a de ele se explicar bem. Por quê? Porque o camarada vai descobrindo as coisas de acordo não com a ordem lógica do que ele está investigando mas de acordo com a ordem cronológica dos acontecimentos de sua vida. E quando ele vai registrando ele o faz à medida que descobre. Pode ser que depois ele tenha a oportunidade de botar tudo em ordem no fim, mas no caso o Voegelin manifestamente não teve. Nenhuma das duas obras que ele começou ele terminou – História das Idéias Políticas e Ordem e História. No caso do Aristóteles ele também não terminou. Então o texto é apenas um pretexto. O que você tem que estudar é o aristotelismo, é o conteúdo da coisa. Eventualmente com outros materiais diferentes. É evidente que você não pode desprezar o texto, mas você não pode esperar muito socorro dele. Sobretudo você não pode esquecer que o que o sujeito está te expondo em termos de conceitos abstratos remete a uma experiência efetiva, e quando se trata do Voegelin mais ainda

você tem que lembrar isso porque ele mesmo insiste que por baixo de doutrinas e símbolos existe uma experiência real do processo da vida mesmo. O que o Voegelin estava querendo pegar está aí e não no texto do Voegelin. Eu sempre achei uma pena que o Voegelin nunca tivesse lido o Louis Lavelle, porque toda a ontologia está mais ou menos no fundo do que ele está querendo, ele não chega a criar uma ontologia inteira mas ele deixa pressuposta, eu vejo que é exatamente a do Lavelle. Seria uma verdadeira maravilha se esse homem o tivesse lido porque abreviaria muitas questões que ele estava tentando resolver.

Mas ele chega no negócio gnóstico justamente após ter percebido que as ideologias não são fenômenos de tipo religioso mas têm algo a ver com religião, então como ele, partindo dessa idéia da ontologia geral, acredita que é possível catalogar os fenômenos religiosos de acordo com a sua maior ou menor significação, de acordo com sua maior ou menor relevância, conforme o seu material permita expressar uma ontologia geral ou não, então existem os fenômenos religiosos de primeiro plano, que são as grandes religiões tradicionais, e certamente existem fenômenos secundários e parciais. Então se a analogia não estava no primeiro andar pode estar no segundo, terceiro, quarto ou quinto. Então, procurando esses fenômenos de segundo escalão ele encontra o fenômeno da gnose. O que é a gnose? É uma heresia cristã. O que é uma heresia cristã? Não é uma nova religião, é uma variante de interpretação dentro de uma religião já existente. É claro que misturando elementos de religiões anteriores e elementos de proveniência desconhecida, na verdade você não precisa saber toda a origem da gnose para estabelecer isso aí. É uma formulação do século I, a primeira reação que surgiu foi a gnose.

Aquilo que o Orlando Fedelli fala, de que é a salvação pelo conhecimento, o conhecimento da essência de Deus, isso é totalmente errado. O primeiro gnóstico, Basilides, já diz claramente que a essência é incognoscível. Mas não vale a pena, não vou entrar em discussões eruditas com o Fedelli porque ele tem capacidade de ler cem vezes mais do que eu e de entender cem vezes menos então nós não falamos a mesma língua. Se eu disser que Basilides não diz isso ele vai mandar mais quarenta textos e vou ter que interpretá-los e apontar os erros, é inviável, eu não tenho força física para isso. Então, a idéia básica da gnose é que a criação, o mundo real não foi criado por Deus mas por uma divindade menor rebelada, então o mundo físico, o mundo manifestado é essencialmente errado e mau.

Aluno: mas isso não é maniqueísmo?

Não. Maniqueísmo é uma variante posterior, é um estilo específico.

Aluno: mas já começa assim, a criação é má, começa negando?

É, isso é a verdadeira essência da gnose, é contra a criação. E isto não só é a essência historicamente documentada mas é só isso que confere com a serpente do paraíso. Agora vamos largar a abordagem histórica e vamos para a abordagem mítica, vamos conferir com a estrutura da serpente do paraíso. A serpente se volta contra o ser humano e o ser humano é o ápice da criação e portanto era o objetivo da criação. No catecismo quando você é criança perguntam para quem Deus fez o mundo, e a resposta é: para o ser humano. O ser humano como é o último a ser criado, o último na ordem do aparecer é o primeiro na ordem do ser, como diz Aristóteles. Se foi feito tudo isso é para uma combinação, o thelos, a enteléquia, o objetivo da coisa, que é o homem. É contra esse objetivo que a serpente do paraíso se volta. Na hora em que ela ataca o homem, ela atacou toda a criação. Quando Deus diz que tudo era bom, mais bom ainda seria aquilo que é a finalidade última. Tudo aquilo era bom em vista da finalidade, a finalidade foi cumprida, então é bom. E é justamente nessa finalidade que a serpente vai atacar. Então não tem outro jeito de você desviar o assunto da gnose para o tema salvação pelo conhecimento, tudo isso são acidentes. O essencial é a rejeição da criação.

Aluno: tentando consertar, não é?

Tentando justificar de algum modo. Há milhões de maneiras de justificar, milhões de maneiras de fazer isso, mas o núcleo mesmo de fato é a serpente do paraíso – núcleo, não origem histórica. Simbolicamente está tudo explicado na serpente do paraíso, é evidente. Mas o que a serpente fez exatamente? Sobretudo, quando a serpente promete o conhecimento, ela promete o conhecimento de quê? Do bem e do mal. Mas que mal havia se Deus mesmo tinha dito que tudo era bom? Está faltando, onde está o elemento de mal? Esse personagem, o mal, não tinha entrado na história até então. O conhecimento do mal é o conhecimento do Ser, é o conhecimento da essência de Deus, será isso? Não pode ser porque o conhecimento do mal é o conhecimento de uma possibilidade que não tinha se realizado até aquele momento. Além disso, tudo não estava lá para eles comerem? Vocês sabem perfeitamente que na Bíblia comer quer dizer conhecer. No começo da Bíblia é assim e no final, no Apocalipse, Deus dá um livro para São João comer, é o saber. Adão já sabia tudo, só faltava saber uma coisa: o mal. Mas o mal não existia. Mas vai começar a existir. A perspectiva do conhecimento oferecida pelos caras não é o conhecimento do Ser mas de uma possibilidade que não tinha se realizado. O Voegelin diz claramente: a gnose é o conhecimento do meio de alterar o Ser, nunca o conhecimento do Ser. É claro que não vou explicar isso para o Orlando Fedelli, vai dar muito trabalho e eu não quero que ele saiba não, deixa assim. É uma pena porque o sujeito estudou a vida inteira e gente com muito mais simplicidade chega lá. Mas o sujeito está estudando isso com medo e horror. Ele está com muito medo do demônio, e o demônio não é para ter medo dele, é para você botar na rédea curta. Não é para ficar com tanto horror assim e ver demônio para tudo quanto é lado.

Voegelin diz: “da profusão de experiências e expressões simbólicas gnósticas um traço pode ser assinalado como elemento central desta variada e extensa criação de significados: a experiência do mundo como um lugar estranho no qual o homem se perdeu, e do qual ele precisa encontrar seu caminho de volta para o outro mundo que é sua origem. Então o mundo já não é o cosmos bem ordenado no qual o homem helênico se sentia em casa, nem é o mundo judaico cristão que Deus criou e achou bom”. Este é o ponto central.

Aluno: tem algum parentesco com epicurismo?

Pode até ter, mas eu não examinei isso não. De qualquer maneira o epicurismo é uma técnica de sair do mundo. É uma visão trágica do universo no fim das contas.

Continuando: “é possível operar uma mudança estrutural na ordem dada do ser de modo a torná-la perfeita. Então se torna tarefa do gnóstico buscar a prescrição para essa mudança. O conhecimento, gnosis, do método de alterar o ser é a preocupação central do gnóstico”. O conhecimento do método de alterar o Ser e não o conhecimento do Ser. Isto claramente remete ao negócio da serpente do paraíso. Promete o conhecimento do bem e do mal. O que é o mal? O mal é o que não existia. A confusão disso aí com o conhecimento da essência de Deus é um negócio tão trágico que é melhor não mexer nisso.

A gnose é um fenômeno secundário, um fenômeno reativo. Evidentemente os camaradas dentro de um ambiente cristão reinterpretaram então o cristianismo a sua maneira usando evidentemente elementos que tiraram de mil e uma escolas anteriores, órficos, epicurismo, o raio que o parta, acho que não dá nem para saber uma coisa dessas. Porque é uma idéia esquisita e idéias esquisitas não precisam ter fontes assim tão identificáveis, podem ter mil e uma fontes, inclusive a demência do próprio sujeito.

É por vir de um fenômeno secundário e não de um fenômeno religioso que a gnose só se transforma em movimento de massa, em movimento historicamente significativo a partir do recuo das religiões.

Aluno: sobreviveu esse tempo todo escondido, esperando.

Era um movimento esotérico, era meia dúzia de caras. É o ovo da serpente, ficou lá guardadinho e chegou uma hora em que o dono da casa dormiu.

Aluno: essa tentativa do Fedelli de associar a gnose com as grandes religiões é fruto desse equívoco inicial de interpretação.

É um erro de interpretação. E quanto mais documento ele juntar mais confuso ele vai ficar. Por quê? Porque não é um problema de documentação, é um problema da armadilha conceitual que ele está usando. Quando o sujeito vai atacar o problema ele já tropeça naquele primeiro obstáculo que nós vimos ontem, de que se existe uma religião verdadeira e as outras são falsas então elas não são espécies do mesmo gênero, porque uma será espécie do gênero revelação e as outras serão espécies do gênero invenção humana. Então é lógico que você não poderá estudá-las pelos mesmos parâmetros. Então se você descobrir dentro de sua religião um fenômeno do tipo gnose você vai ter que associá-lo a todas as demais. Aí não tem saída. E você vai encontrar sempre correspondência porque a multidão de informações é tão grande que você sempre encontrará correspondências, analogias, isso não acaba mais. Você entra no mundo das analogias e aí você dançou. Claro que com o tempo dá para mostrar a diferença entre cada uma. Você pega o negócio gnóstico e pega o budismo. Este, sob certos aspectos, parece gnóstico, só que tem uma coisa: o budismo é capaz de criar uma sociedade estável com instituições e durar um tempão. A gnose por sua própria natureza não pode. Existe alguma diferença. Vendo essas diferenças de efeito, bom, deve haver uma diferença de substância. Se comparar com o hinduísmo, *o hinduísmo também não quer levar os caras para fora do mundo, tirar o sujeito do círculo das reencarnações para levar para o nirvana?* Sim, só que isso está dentro de um plano cósmico que vai se desenrolar ao longo do tempo, ninguém pode fazer isto. O hinduísmo começa por dizer ao sujeito que ele não pode fazer exatamente aquilo que o gnóstico está dizendo que vai fazer. Vai mostrar que ao mesmo tempo que esse mundo aqui, comparado com a realidade absoluta é efetivamente um nada. Mas só é um nada comparativamente, não é um nada em si mesmo, e em parte alguma diz que a existência desse mundo é má, ao contrário, o Buda diz que um nascimento humano é uma oportunidade ímpar, é uma coisa maravilhosa. Um gnóstico não pode aceitar isso de maneira alguma. Mas as aparências, o negócio do nirvana, de escapar do samsara, pode parecer gnóstico, principalmente se você já está olhando tudo aquilo com uma suspeita, morrendo de medo, achando que tem demônio embaixo da cama, aí você vai ver mesmo, e não vai ser possível explicar para você que as coisas não são assim.

Aluno: na prática você vai acabar escapando do mundo e se tornando um gnóstico prático.

Sem dúvida, você é um gnóstico prático, você vai fazer seu grupinho isolado do mundo, tudo é mal, está todo mundo contra você. É uma coisa terrificante, eu preferia não ter sabido de nada disso. Eu preferia continuar na ilusão de que aquilo era um grupo de caras que só ia lá para rezar. Agora que a gente destampou e viu a latrina. É um fundo de revolta realmente demoníaca, contra tudo, exceto o catolicismo do século XII.

Aluno: século XII não, dos anos vinte, o que ele conheceu quando era criança, a famosa Igreja pré-conciliar.

Isso é uma tragédia pessoal fora do comum. Eu não consigo pensar no Orlando Fedelli sem ficar triste. Eu fico contente de não ser ele mas eu vejo aquilo e é uma coisa de uma tristeza imensa, e eu não posso fazer nada, se eu abrir a minha boca o homem me bate, então vou ficar quieto.

Mas esses assuntos todos são enormemente complicados, tem que entrar com muita serenidade, com calma, tentando entender. Agora se você já entra com uma atitude belicosa,

polêmica, você vai criar uma fantasia monstruosa. É a unidade transcendente das religiões às avessas, é a unidade de todas menos uma, todas contra uma. É terrificante, você viver num mundo assim é terrível. Daí você vê que todo mundo da sua religião já passou para o lado de lá, passou para o lado do Satanás. E tem muitos deles pelo mundo, é só olhar na internet. Está cheio de grupos assim.

Aluno: filhos da luz versus filhos das trevas. Isso não é maniqueísmo?

Não necessariamente porque o maniqueísmo entende isso como uma luta eterna e que terminará empatada. Então não pode dizer que é maniqueísta porque ele acredita que vai ganhar. Então maniqueísta não é. A palavra maniqueísta é muito abusada hoje em dia, qualquer sujeito que diz que uma coisa é boa e a outra é má é considerado maniqueísta. Não é assim. Ele não é maniqueísta mas ele vê uma espécie de dualismo trágico. É todo mundo contra a Igreja Católica. Mas aí você faz a pergunta: mas se é assim se o gnosticismo uniu todo mundo contra a Igreja Católica por que morreu tão pouco católico e morre tanto dos outros, por que eles se matam mais a si mesmos do que aos católicos? Mas ele sempre pode dizer que nosso Senhor protege.

Aluno: ele não tem um lado milenarista?

Eu não saberia dizer isto porque ele não coloca a coisa num prazo, num tempo previsível, *nós vamos ganhar, vamos levar todos ao inferno*, é chutado para o Apocalipse, para a volta do Cristo, ele não diz que é ele quem vai fazer isto, é Cristo quem vai fazer quando vier. Então a coisa continua católica dentro de seus termos, mas é uma demência católica, uma paranóia católica, assim como há paranóia judaica e islâmica, sempre tem esses caras que sentem sua religião acuada por todas as outras. Mas de cara quando começou a discussão e ele veio *qual é a sua religião*, eu não disse não, porque tudo o que eu estou falando pretende ser válido independentemente de qualquer pressuposto religioso meu. Senão eu paro de fazer o que estou fazendo e abro um templo evangélico na esquina e mudo de ramo. Portanto não interessa absolutamente qual é a minha religião, o que eu estou fazendo aqui não é apologética religiosa certamente. Nem seria possível você fazer realmente um estudo científico da coisa a partir disso aí. Nós estamos tentando raciocinar a partir de dados, como diria a escolástica, da razão natural, e só. A tomada de posição religiosa bagunçaria todo o negócio aqui. Teria que fazer tudo completamente diferente. Mas dentro da perspectiva dele é a coisa fundamental, primeiro você tem sua religião e daí você tem um mito e a doutrina, daí você mete num computador e tira as conclusões, sempre pela linha reta das causas e consequências, e o que barrar na frente é gnose, heresia, ou qualquer outra coisa. Você não tem a possibilidade de olhar a coisa por vários lados, o outro lado está excluído por hipótese.

Aluno: mas aí é política, no sentido de Carl Schmidt, tem os amigos e inimigos.

Mas é claro que é político, é puramente ideológico. Antes de você saber o que se passa você já tem aqui os amigos e tem lá os inimigos. Então, pensando bem acabou o problema, não há mais nada a se discutir, a sua investigação termina aí, daí por diante só tem as consequências como dedução de um axioma e pronto, acabou. A atividade do cérebro humano se reduz à lógica dedutiva, que é exatamente o que o homem faz, só tem lógica dedutiva, tanto que você vê que em certos momentos ele tem raiva do negócio intuitivo, o intuitivo é o que vai botar um dado que não tinha na dedução. De fato não há a mínima condição de tentar um diálogo, nem debate, não há por onde entrar. A diferença de plano é tão incomensurável que precisaria questionar até o primeiro princípio que o cara colocou. Mas ele não é meu aluno, não está pedindo para eu ensinar nada, acha que sabe tudo, eu não posso fazer nada por ele. Um cara desses se viesse para ser meu aluno a primeira coisa que eu iria fazer era bater nele. Primeiro você apanha, agora você senta aí, não me enche o saco, fica quieto durante três anos, escuta e quem sabe aos poucos o

cérebro funciona. O Rosenstock dizia que a linguagem humana começa com o imperativo, que o tempo verbal mais antigo é o imperativo. Antes de a linguagem servir para falar de coisas do mundo exterior ela serviu para dar e receber ordens. Então o imperativo é o começo da racionalidade. Antes de você poder conversar, trocar idéias sobre a realidade, você precisa aprender qual é o seu lugar, quem manda e quem obedece, você vira um cidadãozinho bem comportado. É o fundamento da racionalidade. Primeiro você tem que ter um lugar dentro do conjunto da sociedade para daí de dentro dela você poder raciocinar. Você primeiro tem a socialização do macaco. Pega um orangotango põe ele sentado para aprender e muito tempo depois é que vai começar a conversa do mundo objetivo. Mas você vê que o sujeito é uma mente rebelde, palavroso, alucinado. Bom, se fosse meu aluno realmente a primeira coisa que eu iria fazer era humilhar o cara e botar sentado até o cérebro funcionar um dia. Mas do jeito que está gramaticalmente ele já passou para a esfera da discussão objetiva, mas cognitivamente não, ele não tem nem a obediência ainda. O sujeito está num tal grau de confusão e no entanto já tem leitura e documentação, é um caso grave. Precisaria pegar toda essa parafernália dele, tirar tudo e dizer: *senta aí escuta e fica quieto que talvez com o tempo você cure*. Quando o sujeito fica assim alucinado o mundo começa a ficar mau com ele, ninguém quer salvá-lo. Quando ele teve a polêmica com Dom Estevão este poderia ter feito algo pelo Fedelli se tomasse uma atitude autoritária. Um cara desses precisa de uma autoridade, *cala a boca burro e fica quieto, senão te excomungo!*

Aluno: isso não adianta com o Fedelli, ele chegou no nariz do bispo e falou: *você é gnóstico e maçom*.

O máximo a fazer então é ficar consternado. E o mundo está cheio de caras assim. Para quem é católico é deprimente ver outro católico fazendo isso. Ele é pior que o Boff. Se o Boff já está cagando na Igreja esse aí está mais ainda. Graças a Deus ninguém o conhece, ele fica no canto dele, mas se tivesse uma repercução maior como chegou a ter o Plínio Correia de Oliveira, o que ele iria fazer de porcaria não é pouco não. O Plínio ainda conseguiu enganar muito gente de que ele era normal, durante muito tempo. Ele tinha dinheiro, o Fedelli não tem. Pensando bem era uma brincadeira, Cristandade Vermelha, vamos bater no Satanás, era um negócio lúdico. Eu acho que no fundo a TFP era preferível a esse negócio aí. A TFP era um negócio político, é uma ideologia declaradamente, com um princípio de ação sobretudo político. Esse cara não, é um negócio puramente religioso, doutrinal, e não tem ação política, ele não se mobiliza politicamente, então eu acho que fica pior que o do Plínio. O movimento do Plínio de vez em quando podia até fazer alguma coisa boa, mas coisa boa da Montfort não vai sair nada. O que ele pode fazer é pegar as pessoas, colocar lá dentro, fazer aquela panela de pressão espiritual para deixar todos malucos. Não tem ação para fora. O primeiro canal que esse sujeito obtém na vida é a minha homepage. A primeira pessoa no mundo que prestou atenção nele fui eu, com toda boa vontade. Eu realmente queria conversar, mas não dá, eu retiro o que falei.

Aluno: será que daqui a cinco anos passa o reverendo Moon por ali e leva todo mundo?

Não, o que vai acontecer é que o Felipe Coelho vai fundar uma dissidência que vai ter menos gente ainda. Vai descobrir que o Fedelli não é ortodoxo o suficiente. Porque o homem jogou uma carga muito grande em cima do Felipe Coelho. Você pegar um aluninho de vinte anos e jogar contra seu principal inimigo, isso não se faz. É uma responsabilidade tremenda, esmagatória. Espera passar uns anos que o garoto vai sentir o peso. Nesse último e-mail que ele mandou para o Pedro eu já senti que o Felipe cansou. O Fedelli não cansou, o estilingue cósmico jogou ele e ele vai até o fim.

Aluno: e o pior é esse aspecto demoníaco do acusador.

É evidente. Mas o erro é tão elementar, tão grosso, tão primário que desqualifica o sujeito até para ser meu aluno. O Orlando Fedelli seria difícil eu aceitá-lo como aluno, porque ele iria precisar passar por uma fase disciplinar que ele não iria querer, porque ele acha que sabe. Então não tem jeito, não há nada o que se fazer. É mais fácil consertar o Boff do que ele. Ele precisa de um serviço militar, precisa socializá-lo primeiro, para ele saber qual é a posição dele na sociedade. Ele não sabe, acha que é um bispo do santo ofício, acha que é o legislador não reconhecido pelo cosmos, ele está com a lei de Deus, como Antígona, com leis mais altas a ser impostas, leis não-escritas, então ele não sabe qual é a posição real dele. A posição real é a de um sujeito que vive de favor da arquidiocese que emprestou um padre para rezar missa para ele, do meu favor que consenti em discutir com ele...

Aluno: eu acho que está embutido nas últimas mensagens dele e do Felipe Coelho que acabou, que não dá para discutir.

A última dele eu já não li até o fim. Então é uma boa hora para continuar enchendo o saco dele, porque se ele se cansou, eu não, eu não gastei nenhuma energia no negócio. Eu fiquei é muito triste e sobretudo porque a gente está fazendo um esforço para explicar as coisas, entender, e ele é capaz de melar tudo durante meses.

Agora, um sujeito desses eu sei que tem que quebrar a auto-imagem dele. Agora, eu sei que ele entrou na coisa muito preocupado. Ele dizia: *vocês precisam rezar por mim porque o inimigo é muito forte*. Mas eu não sou inimigo dele, ele está brigando sozinho. Na verdade eu queria ajudar. Não podemos é deixar que essa confusão que ele armou nos impeça de continuar investigando a coisa do jeito que ela está. Até o momento nós conseguimos mais ou menos entender. Esse é afinal um trabalho de anos tentando mapear a confusão.

Agora, pelo simples fato de o sujeito juntar tanto papel, documentos, e não sei o que, só isso aí já atrapalha. É a super-argumentação. São cento e cinquenta páginas. Mas não pode dizer em dez? Não tem como fazer isso? Não, porque se for resumir você vê que a coisa não faz sentido, então tem que apelar para o quantitativo para impressionar. Agora, quando você tenta ver os conceitos que estão por baixo disso aí, eu fiz isso, eu juro que fiz um esforço sério e sincero para apreender a unidade do pensamento dele, ou seja, o que ele está dizendo para eu poder saber se eu penso sim ou se eu penso não. Mas daí o cara constrói tudo por aquelas frases que têm dentro duas frases contraditórias montadas numa só. Eu não posso desmembrar isso aí. E você vê que os caras são assim na orientação geral e nos detalhes também. Quando o Felipe Coelho fala que copiar sua apostila, usar sua apostila é legítimo porque ela foi publicada no seu site... não foi no meu site, foi no fórum. Eu não tenho poder sobre o fórum, eu não edito o fórum. Primeira hipótese: tudo o que aparece no fórum sem nem eu saber fica automaticamente autorizado por mim? Não, não pode ser. Segunda hipótese: porque foi cometido um abuso está justificado o segundo? Não pode ser também. Mas a frase contém ao mesmo tempo as duas afirmações. Eu não sei nem a qual das duas eu respondo. Eu não sei o que dizer diante disso. Você tem uma idéia auto-contraditória embutida numa forma lógica que para você parece a própria realidade. Mas isso é pura psicose, é gravíssimo. Você não vai encontrar esse tipo de coisa nem no Leonardo Boff, nem ele é tão doido assim. Ele mente mas tem o domínio do que ele está falando, esses caras não tem domínio não. Você fala aquilo e ele não percebe que dentro de uma frase perfeitamente lógica ele colocou dois absurdos. Pior, além de cada um ser absurdo eles se contradizem a si mesmos. Quando ele fala na origem histórica da gnose na serpente do paraíso, vamos ver o que esta frase está querendo dizer. Você quer dizer que existem documentos que atestam historicamente, por método histórico reconhecido, a origem da gnose na serpente do paraíso? Não, não é possível. A ciência histórica não alcança a criação do mundo. Não é isso que ele está querendo dizer. Qual é a outra coisa que você está querendo dizer? Que se é verdade na teologia tem que ser verdade na história também? É um dogma teológico então a história tem

que aceitar? Também não pode ser. No entanto, quando ele está dizendo que a origem histórica da gnose é a serpente do paraíso ele está dizendo as duas coisas ao mesmo tempo. Então eu precisaria desdobrar em duas, desmentir uma, desmentir a outra... mas para que eu vou ter todo esse trabalho? É evidentemente biruta. Também quando ele diz que o intuicionismo é uma das características da gnose e cita Hegel, ele quer dizer que Hegel é intuicionista ou que não existe racionalismo, que o racionalismo é uma forma escondida de intuicionismo? As duas coisas são inteiramente absurdas mas ele disse as duas em uma frase só.

Uma vez uma dona judia chegou para mim e não sabia se devia ir na sinagoga, ela estava com dúvidas, não sabia se devia rezar ou se não devia. Daí eu perguntei: a prece funciona? *Não*. Então não funciona? *Não, também não*. Então funciona e não funciona? *Não, também não é isso*. Então, última tentativa: nem funciona nem não funciona? *Também não é assim*. Bom, aí a dona acabou comigo. A lógica budista prevê essas quatro hipóteses: sim, não, sim e não, nem sim nem não. Não tem uma quinta coisa que eu possa conceber para responder, então tem que perguntar para o rabino, porque eu não sei. Não está além do entendimento, está aquém, nem chegou àquela fase de desenvoltura verbal na qual a pessoa é capaz de desmembrar a impressão sintética. Nós muitas vezes temos impressões contraditórias. Uma coisa é você estar vivenciando uma contradição e você expressá-la, às vezes você não sabe a solução, pode ser isto ou pode ser aquilo. Mas outra coisa é você encavalar os dois termos da contradição numa expressão única e chapar. Isso é o supra-sumo do discurso poético, é o compactado do compactado.

Aluno: no fundo é que a prece não funcionava mas ela não se conformava com isso, pensava que um dia ela poderia chegar lá.

No fundo ela não estava falando da prece mas dela mesma, e ela expressou isso compactadamente numa quádrupla contradição. Portanto, ela não afirmou nada, ela tinha um estado mudo dentro dela que se expressa de uma maneira verbal mais ou menos casual. Para saber o que ela estava sentindo mesmo precisaria de três meses de análise. No fim você vê que não é nada disso, é alguma coisa completamente diferente. Como é em psicanálise, você começa a falar de um negócio, vai analisando e *ah, você estava falando do pênis, é esse o ponto? É a inveja do pênis? Agora eu entendi, o rabino não tem nada a ver com a história, é outra coisa completamente diferente*. Isso é um discurso psicótico, onde a expressão verbal não tem nada a ver com o estado interior, é um disfarce total. É um estado realmente de dualidade de personalidade, tem aqui uma pessoa real que está pensando e uma outra que está falando. Eu já desmontei muita coisa assim no tempo em que eu gostava de psicologia, até me divertia fazendo isso, mas hoje eu já não tenho mais saúde para fazer isso, só de pensar eu já fico cansado de antemão. Eu garanto que nunca vi uma assim a não ser umas que eram montadas de propósito pelo Idries Shah. Este era safado mesmo, não acreditava em nada. E ele montava uns discursos desse tipo com a finalidade de paralisar a cabeça das pessoas. Mas era montado, ele mesmo saberia desmontar. Reunia os discípulos e falava: *muitos morreram para que nós pudéssemos estar aqui*. Dizia essa frase e ai embora. É claro que você não entendeu, mas também você não pode dizer que não entendeu por completo. Você nem entendeu nem não entendeu, nem meio entendeu, nem meio desentendeu. Em suma, a sua mente paralisa e você pára de pensar. E é exatamente aí que ele queria chegar, você pára de pensar e faz o que estou mandando, você entra num estado galináceo, de hipnose galinácea, e faz o que eu mandar. Mas o cara fazia isso de propósito, de safadeza, e o Fedelli não, ele faz com sinceridade.

Sempre disse que enlouquecer o ser humano é bastante fácil, tudo conspira contra o conhecimento, a razão, o entendimento, a gente nem sabe porque as coisas continuam funcionando, porque já era para ter desandado há muitos séculos. Você veja que esse processo que o Voegelin está estudando, esse processo já vem há muitos séculos, até que no fim chega ele e diz *agora eu vou contar a história*. Mas quando ele conta tudo aquilo já aconteceu, não dá para desacontecer mais. Isso quer dizer que gerações e gerações passaram por aquele processo sem entender nada do que estava acontecendo, eles não sabiam qual era o enredo do qual eles eram personagens. E isso é terrificante, como é que um maluco inventa um enredo, milhões de pessoas

entram naquele enredo, não sabem qual é a história, qual é o papel que desempenham ali, e a coisa termina com mortos e feridos reais, não é na fantasia. Outro dia passou um novo filme sobre o tribunal de Nuremberg, um que é com o Alec Baldwin, é o melhor que já foi feito sobre isso aí. E você vê que alguns desses camaradas de fato caíram do cavalo, perceberam que tinham entrado num negócio monstruoso que eles mesmos não entendiam. Mas perceberam só porque levaram a porrada. Um dia você é ministro, é todo-poderoso, assina um decreto e manda matar milhões de pessoas, e no dia seguinte você está jogado num porão e tem um sargento preto batendo em você, e que não tem o menor respeito. O sujeito para continuar segurando aquilo como o Goering segurou... bom, o Goering era evidentemente um ser superior, era louco mas louco de classe, os outros todos caíram. Agora você vê que o Goering segurou porque tinha mais consciência do que os outros. Ele entendia mais ou menos do que se tratava. E os outros de fato não entendiam, tinham entrado meio às tontas, é o que o filme deixa a entender. E eu mesmo tinha chegado à conclusão, o Goering estava inocente daquelas coisas, ele de fato não sabia. O sujeito era comandante da força aérea, esta só age no exterior, o que o cara da força aérea tem que saber do que estão fazendo na prisão? Não precisava saber de nada mesmo. Então ele tinha uma certa idéia de sua inocência, *eu não sou culpado, vocês que se danem, vocês são tão ruins quanto eu, piores que eu.*

Aluno: no filme aparece o Albert Speer como um arrepedido, um santinho, só que na verdade ele é o organizador de toda a logística da coisa.

Pois é, esse era um vigarista. O julgamento foi inteiramente absurdo porque você absolve o ministro da economia...

Aluno: mas a história desse cara é diferente, o Schaft, ele era ministro da economia desde o Kaiser, cinquenta anos antes.

Peraí, e toda a parafernália que eles montaram para matar pessoas, quanto custou e de onde saiu a grana? Se há um cara que não podia ignorar é o ministro da economia. Porque ele é o homem que solta o cheque. Se tem um cara que eu não acredito que estivesse inocente de jeito nenhum é este. Agora, um cara da aeronáutica eu acredito porque a aeronáutica de fato não tem nada a ver com isso. Mas o homem da grana!?

Aluno: saiu uma biografia do Schaft.

Eu tenho a impressão que ele se fez de morto, escapou, saiu bonito. Agora você pega qualquer ministro da economia de qualquer regime, é o cara que tem que saber de tudo. Porque todo aquele negócio de campos de concentração, e aquelas operações de levar gente de lá para cá, tudo isso custa grana.

Aluno: e aquilo era feito à luz do dia.

Não, mais ou menos. Não era propagado mas tinha muita gente que sabia. Havia os que sabiam e os que não sabiam, certamente. Essa história do Goering eu pensei que talvez tenha sido isso mesmo. Porque a aeronáutica não tem nada a ver com operações internas, por definição.

Aluno: e o ajudante do Speer não é condenado e o Speer é condenado.

Mas o Speer prestou uma ajuda a serviços secretos, foi negociação. O que eu até entendo porque ele entregou muita coisa importante que os caras precisavam saber, então foi negociação. Agora desse Schaft ninguém fala nada e esse eu não posso acreditar de jeito nenhum que

ignorasse a coisa. É tão absurdo você dizer que ele ignorava quanto dizer que Hitler ignorava. Não é possível. Tem um cara que manda fazer e um que solta o cheque, esses dois tem que saber.

Aluno: há histórias quantíssimas sobre a guerra, como a do Hess que saltou de pára-quedas.

Esse é outro coitado. O cara que foi tentar consertar o negócio. Mas o caso dele foi queima de arquivo, foi o contrário do Spear. Agora, o Schaft certamente sabia tanto quanto o Hitler, ou talvez até mais.

Aluno: o Hess não era o inventor da nova religião alemã, mitologia nórdica?

Não, o Hess era um coitado. E isso não quer dizer nada, isso já existia, não foi ele que inventou. Ele era tão palhaço que acreditou em tudo isso. E tão mais palhaço que acreditou que saltando de avião na Inglaterra ele poderia negociar uma paz em separado. Imediatamente quando ele saiu o Hitler mandou decretar que ele ficou louco. Quer dizer, queimou o sujeito na mesma hora. Ou seja, foi o gesto mais desesperado e mais inútil de toda a guerra. Então esse cara é condenado por quê?

Aluno: mas o Schaft era um caso diferente, era ministro há mais de quarenta anos, tinha amigos em todos os bancos centrais ocidentais...

Mas isso não salva ninguém. Isso por si não salvaria. Foi algum outro negócio que jamais entenderemos. O Spear dá para entender porque vendo depois você vê que ele foi uma peça importantíssima para os serviços secretos ocidentais, os caras não podiam dispensá-lo, não podiam matá-lo.

Aluno: o Goering além de ser núcleo do partido, ele era braço direito de Hitler, e não só comandante da aeronáutica, ele era comandante das forças armadas, quase que um ministro da guerra. Ele era responsável inclusive pelos esquadrões que eram responsáveis pelos campos de concentração. Em última instância ele era comandante disso tudo.

É? Mas quem comandava as operações dos campos de concentração era o Himmler, certo?

Aluno: mas que era abaixo dele na hierarquia. Subordinado à autoridade do ministro da guerra.

O filme não deixa isso muito claro e eu também não lembro o que eu li antes, mas pelo contexto ali me pareceu que se a coisa foi como apareceu ali Goering de fato não sabia de nada. Agora, esse negócio do Schaft há muito tempo eu penso. Imagina aqui um ministro da economia, um Roberto Campos, um Delfim Neto, que não sabe nada do que está acontecendo, eu não posso acreditar nisso.

Mas quando você vê aqueles camaradas desabarem nós voltamos a esse mesmo problema do imperativo de que estava falando. O sistema racional do sujeito só cai em função de uma vontade mais forte que se impôs a ele fisicamente, aí não tem mais jeito. Caiu fisicamente, você está pelado, apanhando, *está bem, concordei*. Mas quanta porrada precisa para o sujeito chegar até aí? A teimosia do ser humano nessas coisas chega a ser um negócio assombroso. Você aposta a vida naquele negócio e você vai, vai, vai. Às vezes eu me pergunto por que as pessoas fazem isso. Eu seria capaz de fazer isso? Eu sei que eu não seria. Eu aposto até certo ponto, comecei a perder vou mudar de cavalo. Como é que fazem uma coisa dessas de ir até o fim?

Aluno: aquele negócio de São Lourenço, de pedir para virarem a grelha para assar do outro lado.

Não, aí é uma ação sobre ele mesmo. Disso eu não me espanto, do martírio eu não me espanto. O que me espanto é o martírio dos outros. Se você decidir ir para a fogueira você vai. Agora, você põe um milhão, dez milhões, cem milhões de caras naquele negócio e você continua. É uma aposta histórica, não é uma aposta pessoal. O martírio é uma aposta pessoal e em Deus, *Deus vai me tirar aqui do buraco, eu vou para o paraíso, pronto acabou, vou ficar livre de vocês lá em cima*. Você está apostando a sua vida apenas. Agora, o que você pode apostar na história, no movimento global da história, quando todo ele vai em sentido contrário? Esse negócio das revoluções, todas as que houve, todas, sem exceção, você derruba a nova ordem... o Dahrendorf fala isso: se você dividir a revolução em duas etapas, a primeira é a derrubada da antiga ordem, e a segunda é a construção da nova ordem mais justa e melhor; as revoluções sempre têm sucesso na primeira parte e fracasso total na segunda. Você consegue fazer a revolução, consegue derrubar a antiga ordem, mas na segunda não sai nada. Isso é invariável. Nós temos duzentos anos de experiência. Como é que as pessoas têm a cara de pau de apostar a vida de milhões de pessoas num treco que já vem dando errado há duzentos anos? Não tem jeito de explicar isso só como psicopatologia pessoal, é um outro negócio. Só pode ter uma explicação desse tipo: é uma psicopatologia estrutural do ser humano, que ameaça há séculos.

Aluno: sempre pensam que a próxima é a boa.

Isso de fato é um poder demoníaco. E a força disso aí vem exatamente do terror cósmico, o cara sentir que está num mundo mau. Então, se o mundo é tão mau, toda a maldade que ele mesmo fizer é pequena em face da maldade universal. *O demiurgo fez o universo inteiro só para sacanear a gente, então se eu matar cem milhões de pessoas para me livrar disso está barato*. Claro, também tem aquele outro negócio, *o mundo é tão mau que eu preciso de uma maldade contrária*. Então, no fundo, tudo isso, é o que o Voegelin fala, não se pode esquecer que a experiência gnóstica ela em si mesma tem um fundo de verdade, porque, sob certos aspectos, o universo te aparece assim, confirma até certo ponto.

Aluno: não seria uma tentativa de volta ao paraíso depois da queda?

Esse seria o aspecto verdadeiro da coisa, afinal de contas a experiência gnóstica tem algum fundamento na Bíblia. O fundamento é parcial, mas que tem, tem. Pelo fato de você ter sido expulso do paraíso então você renegar o universo... mas onde ficava o paraíso? Não era aqui na Terra mesmo? Ainda tem esse problema.

Se você ler o Emil Cioran, ele é um gnóstico. Só que ele é um gnóstico anti-revolucionário. Ele é contra todos os movimentos de qualquer ordem que seja porque tudo é tão ruim que não vale a pena fazer nada, a única coisa fazer é meter uma bala na cabeça. Nem isso, porque para meter uma bala na cabeça você precisaria já ter nascido o que é um mal irreparável – “Do inconveniente de ter nascido”, é uma obra dele.

Aluno: eu estava em casa quando percebi de repente uma coisa terrível: eu nasci!

Mas ele é um gnóstico tão gnóstico que o negócio fica cômico. Eu não consigo ler Emil Cioran sem dar risada.

Aluno: quando a criança fala para o pai *eu não pedi para nascer*, essa é uma frase gnóstica.

É uma frase gnóstica, claro. Porque o simples fato de você ter nascido significa que você não apenas pediu mas que você exigiu. É a tua vontade de viver que fez você viver, não foi

insuflado de fora. Se você não quisesse viver você teria morrido. *Eu não pedi para nascer* diz exatamente isso: que o nascimento, o processo natural, isso tudo conspira contra mim. Ora, quem é que em um instante qualquer de desespero não sentiu isso? Todo mundo. Só que você diz *épa, isso não é assim*. O gnóstico é o cara que não diz, ele fica nisso aí. Talvez seja um evento traumático que paralisa ele, então ele entra em outro circuito de raciocínio.

Aluno: o suicídio é então uma tentativa de corrigir esse problema?

Seria uma das muitas tentativas: o suicídio, a revolução, o negócio do Marquês de Sade, as drogas, tudo isso aí são tentativas de corrigir o mal cósmico. Fugir do mundo, mudar o mundo, esculhambar com o mundo, se esculhambar a si mesmo, tudo isso aí é gnóstico. É uma rebelião contra a ordem do Ser, você não quer que as coisas sejam assim. Então é por isso que a gnose tem essa pluralidade de manifestações possíveis, porque a partir da mesma experiência, este extremo desespero ante o cosmos, você está ali se sentindo como um rato de esgoto não numa situação específica, *estou no campo de concentração o alemão me batendo*, não é isso. Você está ali mas você tem esperança de que vai passar, ou pelo menos você sabe que nem todo o mundo está nessa situação. Mas se você, estando nessa situação de desespero, se sentindo como rato de esgoto, você vê isso aí como modelo estrutural do cosmos, a vontade que você tem é de destruir tudo. Mas não dá para destruir tudo, então você destrói você mesmo ou muda o cosmos, ou faz a revolução russa, faz o nazismo, alguma porcaria dessas. Enfim, você tenta fazer um estrago. Pior é que você não consegue fazer estrago. Acabou o nazismo, morreu o Fuhrer, o que vamos fazer? A vida continua. Quer dizer, mesmo aquela sua destruição não destruiu nada a não ser você mesmo e quem embarcou na sua.

Aluno: aí vem um desespero maior.

Aí vem um desespero maior do que esse e daí você vira o Cioran, *não adianta nem eu me suicidar porque eu precisaria ter nascido e o suicídio não vai reparar o mal que já está feito*. Por isso que eu acho que o Cioran tem um efeito curativo, porque ele leva o gnosticismo a suas últimas consequências e vira piada. É um truque literário, porque isso é uma coisa que você pode escrever mas não pode realmente achar e o Cioran disse uma vez *não, as pessoas não me entendem, elas não percebem que eu sou um farsante*. Mas eu sempre entendi que ele era um farsante, eu sempre entendi que ele não acha nada disso, ele estava apenas experimentando pensar dentro dessa linha para ver onde chega. E onde chega? Chega em mais um livro publicado, em mais um prêmio literário. Essa é a única conclusão possível do gnosticismo coerente. Ou seja, você vai fazer uma coisa que no fundo não fede nem cheira. Ele é o raciocínio gnóstico que se neutraliza a si mesmo e termina criando um monumento literário. Agora, eu sei que tem gente que lê o Cioran e acredita e fica mal mesmo.

Aluno: eu tenho um amigo que não vejo há um tempo, tido como conhecedor do Cioran, José Tomás Brum.

Foi ele quem traduziu o “Breviário da decomposição”.

Aluno: eu estudei com ele e ele me parece uma pessoa meio esquisita.

Para traduzir um livro inteiro do Cioran precisa ser esquisitíssimo. O Cioran é o supra-sumo da esquisitice. É o píncaro da esquisitice. O Augusto dos Anjos é o menino passarinho perto do Cioran, é uma moça.

Aluno: ele é uma pessoa estudiosa, aparentemente séria, metódica. E ele tem um livro, “O pessimismo e suas vontades”, sobre Nietzsche e Schopenhauer. Esses dois e o Cioran me parece que são a tríade espiritual dele.

Esses três? Só falta o Marquês de Sade. Agora, o Cioran a mim nunca fez mal algum. Eu fico felicíssimo quando leio Cioran. É uma libertação. É a máquina de raciocinar que vai te levando no absurdo e no fim faz *puft* e some. Não sobra nada. Isso é uma piada evidentemente. Eu acho que muita gente gosta do Cioran mas só eu entendi, porque só eu dou risada. Porque se você diz *não adianta nem se suicidar porque o mal já é irreparável*, o que há a fazer? Absolutamente nada. Então está tudo bem. O Cioran é um cara que se existissem os livros dele antes da guerra teria evitado muitos males, você dava esses livros para os nazistas que todos eles iriam desistir. *Matar os judeus? Não adianta, agora o mal já é irreparável, vamos desistir*. Chega naquele negócio do Beckett, “Esperando Godot”, e se a gente se matar? *Ab, amanhã a gente pensa nisso*.

Aluno: agora tem aquele movimento de auto-extinção, eco-orientado, o negócio é não ter filhos.

São os cátaros então. Eu sou inteiramente a favor. Os cátaros são uma variedade de seita gnóstica que queria proibir a procriação. Se não acabasse com o mundo pelo menos acabava com a seita. Esse curto-circuito ciorânico é a conclusão final da gnose.

Quando você vê a história da União Soviética, o que ela foi? Foram eles mesmos que acabaram com ela, do dia para a noite. Sendo que em outras tiranias muito mais brandas há um tremendo derramamento de sangue para acabar com elas. O negócio faz *puft* e desaparece no ar e você não lembra mais do que você estava falando. E aqueles mesmos caras aparecem do dia para a noite falando de economia de mercado, como se não tivesse sido comunista um único dia? É o Cioran. É a lógica do negócio que fecha, *puft, não aconteceu nada, volta tudo o que era antes*.

Aluno: tudo o que é sólido desmancha no ar.

É claro que é uma coisa demoníaca, um sonho demoníaco do qual você desperta e não deixa nem cheiro de enxofre. Agora, no meio disso tem milhões de vidas humanas, sofrimentos, mais isso e mais aquilo. É uma piada mas feita por um... aí que você vê que é um negócio demoníaco. O Cioran não é demoníaco, ele é um cara que expressa a lógica demoníaca e de certo modo te vacina contra ela. Eu acho que o Cioran bem lido só pode fazer bem, te liberta daqueles mesmos raciocínios, porque tudo o que ele escreve é um sofisma demoníaco, o tempo todo. Só que nunca ninguém expressou isso tão claramente quanto ele. Esse cara simplesmente tomou a palavra em nome de Satanás e está levando a coisa a sua conclusão lógica, que é nada. Ele fazer isso no papel é uma obra de caridade, porque os caras estão fazendo não no papel, é na história, ao vivo e à cores. No tempo que eu acompanhei o negócio do Idries Shah eu pensei que se ele em vez de fazer tivesse escrito seria de uma comicidade fora do comum. Só que os personagens são de carne e osso, são vidas que são jogadas fora, e aí que você vê que tem um elemento demoníaco. O demônio escreve esses enredos usando gente.